

---

---

## Relatos de Experiência Pedagógica

---

---

### Em tempo: pequenas reflexões sobre um trabalho com projeto em uma turma de 1<sup>a</sup> série<sup>1</sup>

*Renata Sieiro Fernandes*

---

---

#### **Resumo**

A partir de um relato de experiência de trabalho pedagógico com desenvolvimento de projetos temáticos, que ainda está em curso, apresento neste artigo a noção de tempo no discurso de crianças de 7 anos e procuro relacionar esse assunto com o de viagens imaginárias no tempo e no espaço.

**Palavras-Chave:** tempo; trabalho com projetos; educação formal

#### **Abstract**

This paper describe a school experience that is part of the pedagogical work with the development of thematical projects, in course. I propose to show the notion of time in the child speech on 7 years old and try to make relations between this subject and the imaginaries travels through time and space.

**Key-words:** time; thematical projects; formal education

---

<sup>1</sup> Este artigo provém de um relatório semestral sobre o andamento de um trabalho com uma turma de 1<sup>a</sup> série de uma escola particular da cidade de Campinas-SP, da qual sou a professora. O projeto com o qual estamos trabalhando denomina-se “Viagens”, e encontra-se em desenvolvimento.

Os homens sempre foram dados à viagem, já que são dados às aventuras. Viagens de descobrimento de terras, de povos novos. Viagens de conquistas dessas terras e desses povos. Viagens de mudanças, daqui para lá.

São famosos alguns viajantes de ontem e de hoje: Américo Vespúcio, Cristóvão Colombo, Marco Polo, Amir Klink, família Schumann etc.

O que pode se mover pode viajar. Viajar com o vento, por exemplo, que leva e traz notícias de longe e de perto, que com suas histórias, seduz o corpo, a mente e o coração. Como narra a escritora Marina Colasanti em seu conto “O último rei”: *“todos os dias Kublai-Khan, último rei da dinastia Mogul, subia no alto da muralha da sua fortaleza para encontrar-se com o vento. O vento vinha de longe e tinha o mundo todo para contar. Kublai-Khan nunca tinha saído da sua fortaleza, não conhecia o mundo. Ouvia as palavras do vento e aprendia”* (1979, p.11-2).

Ou viajar nas palavras de um contador de histórias e aventuras, como conta Ítalo Calvino acerca do que acontecia entre esse mesmo Kublai-Khan e Marco Polo: *“não se sabe se Kublai-Khan acredita em tudo o que diz Marco Polo quando este lhe descreve as cidades visitadas em suas missões diplomáticas, mas o imperador dos tártaros certamente continua a ouvir o jovem veneziano com maior curiosidade e atenção do que a qualquer outro de seus enviados ou exploradores”* (1997, p.9).

Ou ainda, viajar primeiro nas idéias e depois pelo mar, como conta a história do friso de Meléndez (1992) sobre a viagem de Colonus (Colombo): *“antes, segundo Platão, os homens viviam em torno do Mediterrâneo como formigas ou rãs à beira de um tanque. Os geógrafos achavam que o mundo, quanto à sua forma, era semelhante a um disco ou a uma bandeja, e que o sol girava sobre ela. Também sabe que no final da terra há o oceano. Atrás dele um precipício. E depois nada. Mas Paolo, outro sábio mais jovem, certa noite sonhou que o universo não tinha fim nem era plano, mas era como uma maçã ou uma pelota. (...) Certo dia, quando estavam juntos pintando um mapa-mundi, Paolo contou seu sonho a Colonus, e os dois ficaram muito contentes: se a Terra era redonda, poderiam chegar muito mais depressa pelo Ocidente, porque a Índia, por lá, estaria perto da Europa”,* e embora muitos não acreditassem, *“Colonus era muito ousado e colocou seu velho gibão de viagem. Arranjou um barco, carregou nele um canhão muito gordo, favas e ervilhas salgadas, toucinho, barris de água e tudo o que era necessário para a viagem”*.

Tudo o que se move pode viajar. Por terra, nas costas de animais, pelo mar. De carro, ônibus, moto, bicicleta. De avião, helicóptero, balão. De navio, barco, canoa. A pé.

A Terra foi povoada devido às grandes movimentações de pessoas e animais de um canto a outro. Da África para todos os continentes, gelados e quentes. O estreito de Bering serviu como corredor de passagem.

Uma das marcas da nossa atualidade continua sendo o deslocamento de pessoas, de diferentes idades, de país para país e de cidade para cidade, movidas pela vontade provocada pela curiosidade ou pela necessidade provocada pela sobrevivência. É isso que nos mostram as fotografias de Sebastião Salgado em sua mais recente exposição denominada “Êxodos”, posteriormente publicada em livro.

Não é sem razão que o instrumento mediador das viagens chama-se passagem. É esse o efeito principal desse movimento: a ligação, a comunicação, a mudança, a transição.

Toda viagem acontece com um deslocamento no tempo e no espaço, senão real, ao menos imaginário (o que não é oposto ao real pois esse lhe serve de referência). A leitura de um livro permite isso, a visão de um filme, a audição de uma música... porque a base é a imaginação.

O conceito de tempo atrela-se ao de espaço. Este é mais fácil de ser percebido e de ser precisado por palavras. Aquele também é fruto de um alto grau de elaboração e síntese humana, que pode ser percebido e intuído mas que é de difícil verbalização.

“O tempo não existe em si, afirma Norbert Elias [sociólogo], não é nem um dado objetivo, como sustentava Newton, nem uma estrutura *a priori* do espírito, como queria Kant. O tempo é antes de tudo um símbolo social, resultado de um longo processo de aprendizagem”. (1984, Apres.)

O tempo para a criança é experimentado de jeitos bastante diferentes do adulto e do velho, já que implica formas diferentes de se lidar com o cotidiano. A percepção do tempo para quem vive em locais agrícolas difere da de quem vive em cidades industrializadas, pois as relações com a natureza também são outras.

Para as próprias crianças (com 6 e 7 anos) é difícil definir esse conceito. Em uma atividade feita em sala, quando perguntadas sobre o que acham que é o tempo elas dizem: “*é o relógio, é o ar, por exemplo: eu tô no carro e eu tô vendo o ar, que é o tempo*”, “*o tempo é o mundo girando*”, “*é quanto tempo o mundo está girando*”, “*o tempo é uma coisa que a gente não percebe e é também o sol*”, “*o tempo é tipo: a loja está fechando*”, “*vamos, você está atrasada*”, “*é o sol; é o que controla o mundo*”, “*é um tempo que passa de hora em hora*”, “*é o dia que passa em todo dia em que acontece muitas coisas*”. O tempo ora pode ser uma marcação convencional e instrumentalizada como o relógio, ora pode ser o tempo solar, relativo à

observação da natureza, ora pode ser o ar, que é passível de ser sentido e intuído mas não exatamente de ser visto.

A diversidade de opiniões também aparece nas respostas à pergunta: quem inventou o tempo? “*Deus*”, “*os portugueses*”, “*um inventor maluco*”, “*um artista, Leonardo da Vinci*”, “*foi o cientista*”, “*o inventor de ciências*”, “*foi Jesus Cristo*”, “*foi Deus com a ajuda do vento*”, “*foi o espaço*”, “*ele já existia desde a época dos dinossauros*”. Ora ele existia previamente ao aparecimento do homem, fundindo-se ao surgimento – e portanto, origem – do universo, ora ele associa-se ao homem – ou seja, uma derivação de um conhecimento socialmente construído –, e junto com essa idéia aparece outra, relacionada ao homem proveniente de um outro lugar, com maior tecnologia desenvolvida, que vem nos encontrar cá na América, onde existiam indígenas que não conheciam o relógio e, portanto, estabeleciam outras relações perceptivas do tempo. Por essas opiniões, os homens capazes de “inventar o tempo” só podem ser os da “ciência” – aqueles que estudam para buscar as “verdades” do universo – ou os artistas – aqueles com maior capacidade de imaginação e de expressão de suas idéias.

Para a pergunta: os índios marcam o tempo? Por quê? As crianças variaram nas suas respostas. Para umas, eles não marcam o tempo porque não precisam, já que “*eles não conhecem o relógio*”, “*porque eles acordam quando querem*”, “*porque eles fazem o que querem*”. Para outras, mesmo não fazendo uso do relógio, valem-se de outras marcações como o sol e a lua, e o fazem “*porque ele vai caçar bicho pra comer, porque se eles não marcarem o tempo, eles vão passar fome*”, “*para saber a hora de caçar e de pescar*”, “*pra saber quando vai fazer alguma coisa*”, “*pra saber a hora que ele tem que fazer a cabana*”.

Para que tentassem estabelecer um paralelo com as necessidades deles próprios, de marcarem ou não o tempo, fiz uma outra questão: o que você faz com o tempo? E eles responderam o seguinte: “*marco as horas de brincar, fazer lição, de futebol*”, “*brinco, vou para a escola, se divertir, fico na minha casa, vou andar de bicicleta, curtir o dia, escrever, desenhar, ir na casa do amigo ou da amiga*”, “*eu arrumo minha casa inteirinha*”, “*tomo lanche, faço natação, futebol, a lição, durmo*”.

Essas crianças, ainda não sabem “ler” as horas. Como os indígenas, não importa se têm ou não o relógio porque não fazem uso (socialmente convencional) dele. As ações planejadas e realizadas ao longo de um período, derivam de um desejo do momento ou de uma necessidade. Podem vir de uma cobrança interna marcada pela fome ou pela atividade de brincar ou pelo sono, ou por uma cobrança externa exigida pelas tarefas sociais a desempenhar: ir à escola, fazer lição, ir à aula de natação, futebol...

A noção de tempo é algo que mais tardiamente se forma no ser humano e, principalmente porque, sendo fruto de convenções sociais, precisa ser ensinado apesar de variar nas suas formas de percepção e apreensão (cíclica, linear, unidirecional, espiralada, fragmentada, contínua, descontínua, múltipla etc). Para essas crianças nessa faixa de idade, o tempo é concebido, basicamente, como o que falta para a concretização de algo: *“porque a gente não pode chegar atrasado”*, ou como o término de algo, aquilo que já passou: *“o tempo passa e o meu amigo tem que ir embora. O tempo passou rápido. ‘oi filho, vem, vamo embora”*, ou ainda, como período para a realização do que é essencial ou necessário dentro de suas vivências sociais e culturais: *“eu uso o tempo para as coisas mais importantes”*.

### **O projeto “Viagens”: informações extraídas do diário de bordo dos tripulantes da máquina que viaja no tempo, pra qualquer lugar da nossa imaginação**

Apesar dessa não-introjeção total das convenções e dos padrões sociais ligados ao tempo, não nos tem sido impedido realizar viagens – sem passaportes e passagens – na máquina do tempo que se encontra estacionada na sala da 1ª série e disponível para levar quem quiser se aventurar nas mais diferentes viagens: para países, para o espaço, para fora da Terra, para planetas e satélites, para o centro da Terra, para o fundo do mar, para dentro do corpo humano, para dentro do videogame, etc (segundo um levantamento feito com as crianças sobre as possibilidades de lugares a serem conhecidos e que a máquina conseguiria nos levar).

Só mais recentemente pudemos desfrutar das viagens de fato. Por muito tempo estivemos envolvidos na complementação da tal máquina, pois ela exigia reparos, consertos, inclusão de objetos faltantes, já que quando ela foi encontrada por mim, estava em péssimo estado de conservação embora servisse para seu propósito<sup>2</sup>. Desse modo, cada criança deu sua contribuição (com aquilo que ela achava que a máquina podia ou precisava receber) na reforma dela para que ficasse habilitada a nos levar para onde quiséssemos, sem prejuízo e sem perigos. Ela ganhou para o seu “corpo” de papelão grosso e cilíndrico, um telhado guarda-chuva, enfeites de desenho, um tubo de telefone para que quem estivesse do lado de dentro pudesse falar com alguém do lado de fora antes de partir ou na chegada, um bico

---

<sup>2</sup> Foi essa a forma de apresentação desse objeto deflagador do projeto de trabalho, no primeiro dia de escola, para as crianças recém-chegadas.

perfurante, sons produzidos por materiais trazidos de casa, janela, turbina, galão de combustível – pelo lado de fora. Por dentro, a máquina recebeu volante, comando de direção do movimento (para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda), uma rosa dos ventos, uma bússola, um relógio, perfumes, calendário, ventilador e um banquinho.

No início, a tal máquina aparentava-se, para as crianças, a uma nave e, de preferência, espacial. Mesmo eu chamando-a de “máquina”, elas mantinham o termo “nave”. Na lógica delas, portanto, essa nave só podia fazer viagens para o universo, para fora da Terra. Nas minhas tentativas de fazer com que ampliassem as possibilidades, lancei algumas perguntas:

Prof: — *Essa nave ou máquina pode ir em qual direção?*

Crianças: — *Pra cima, em linha reta.*

Prof: — *E se ela tiver uma direção igual a dos carros? Não pode mudar o trajeto?*

Crianças: — *Pode.*

Prof: — *E daí, ela não pode voltar na direção da Terra e fazer uma viagem dentro da terra?*

Crianças: — *Não! Porque senão, vai estragar o bico da nave!*

Embora o raciocínio fosse lógico e as crianças estivessem sendo induzidas a dar uma resposta que eu esperava, em um determinado momento, se agarravam aos seus discursos iniciais e mantinham-se resistentes às mudanças de pensamento. Era como se dissessem para o adulto “tudo bem, é lógico o que você fala mas nós não queremos”. Mas eu insisti e continuei com as provocações:

Prof: — *Pra isso a gente coloca um bico bastante forte. Que tal?*

Crianças: (silêncio...) — *Tudo bem.*

Prof: — *E se a máquina, nave, fosse em direção ao mar?*

Crianças: — *Não pode.*

Prof: — *Por quê? Ela não pode mudar de direção?*

Crianças: — *Porque ela iria enferrujar!*

Prof: — *Mas ela não pode ter algo que a proteja disso?*

Crianças: — *Só se ela for à prova d’água.*

Prof: — *Então ela será!*

Ao final das discussões sobre as possibilidades da máquina, eles flexibilizaram seu pensamento e incluíram novas viagens para outros lugares. Ao mesmo tempo, gradativamente, o termo “nave” foi declinando e o termo “máquina” foi tomando lugar e, com isso, com a mudança do discurso, inclusive, foram aceitando, permitindo, enriquecendo e expandindo as possibilidades de vivências para si.

A partir disso, muitas viagens puderam ser agendadas e elas são sempre uma surpresa que eu preparo para nós, os viajantes. Dessa forma, o

lugar a ser visitado não é conhecido *a priori*, apesar de constar da nossa lista de interesses.

Todas as viagens são feitas individualmente e são de emoção. Podem ser tranquilas, turbulentas, longas e demoradas, curtas e rápidas, silenciosas ou bastante sonoras.

Os viajantes preparam-se para as viagens, munindo-se do que pensam que irão precisar levar para o lugar que a ser conhecido. A maleta da viagem, que fica próxima à máquina do tempo, proporciona uma grande variedade de objetos e materiais que permitem descobrir aspectos da localidade escolhida para ser o ponto de chegada da viagem. Atualmente, sem em disponibilidade os seguintes objetos: binóculo, lanterna, óculos de sol, óculos de mergulho, walk-talk, controles remotos, impressora, mouse, bandeira do Brasil, relógio de pulso, chaves, comida em forma de tablets de bala, mapas do mundo e do nosso País. O interior dessa maleta, quando aberto, é como a caixa do caixeiro-viajante ou o casaco do vendedor ambulante, repleto de cacarecos de toda sorte, em que sempre encontramos o que precisamos ou o que nem imaginávamos que poderíamos precisar.

Feita a preparação para a viagem, o próximo passo é o embarque. Cada viajante é, ao mesmo tempo, piloto e passageiro. E é ele quem decide a rota, o caminho, o percurso, a direção que a máquina irá tomar. Na volta, parte do que foi visto, ouvido, sentido, fica registrada – através de desenho e de escrita – no diário de bordo pessoal e em outras formas de anotações.

Vai para a maleta um adesivo feito por alguma criança, com um símbolo do lugar visitado para marcar as viagens acontecidas. E vai para o planisfério, a marcação da rota feita, ida e volta, desde o ponto de partida (Campinas) até o ponto de chegada (o local escolhido), quando os lugares visitados são os países.

As trocas de experiências individuais acontecem via cartões postais, que são trocados com os outros viajantes, feitos pelos próprios. As experiências coletivas são feitas através de diferentes atividades, em que os sentidos do nosso corpo possam ser exercitados e várias linguagens possam ser conhecidas e construídas.

As duas primeiras viagens desta turma de 1<sup>a</sup> série aconteceram para dois países: os Estados Unidos e o Japão<sup>3</sup>. Nesses dois lugares, aspectos dessas culturas e seus contrastes e contrapontos puderam ser conhecidos de forma bastante envolvente, participante e emocionante.

O início dessas viagens ocorreu sempre a partir da audição de músicas características do lugar. O intuito disso foi fazer com que as

---

<sup>3</sup> A primeira viagem foi escolhida com as crianças a partir de um consenso geral da turma. As demais, sou eu quem escolho em virtude de objetivos específicos como: contraste de culturas, possibilidade de trabalho com o tema dos animais ou do corpo humano, etc.

crianças levantassem hipóteses acerca do lugar a partir de indícios que a música oferecia. Só após decorrido algum tempo eu revelava o nome do lugar.

A música escolhida para iniciar a viagem aos Estados Unidos foi a dos índios nativos norte-americanos (os navajos) e, para o Japão foi a tradicional, tocada com os instrumentos típicos shamisen e shinobue e com pouca aparição de voz.

Após esse início, começamos a pesquisar nos mais variados materiais que nos auxiliaram a contextualizar a cultura local e nos familiarizaram com as diversidades e semelhanças existentes naquilo que os homens e mulheres produzem e, com as características naturais de cada lugar. Assim, serviram-nos de base:

- a leitura de livros informativos sobre os países, com diferentes orientações (sobre jardins japoneses, bonsais, ikebana, sobre os indígenas originais americanos), de histórias e lendas;
- a degustação de comidas preparadas por nós (o churrasco americano de hambúrguer, com condimentos, coca-cola, marshmallows derretidos e cookies; o refogado de legumes com shoyo, sopa de missoshiro com queijo tofu feito de soja, chá verde, omelete e gohan, o arroz japonês);
- a visão de filmes de arte (“Sonhos de Akira Kurosawa”<sup>4</sup>), de diversão (“Space Jam”), de desenhos animados (“Totoro”), de documentários produzidos pela rede Cultura e rede Manchete;
- manuseio de tipos diferentes de material impresso: cartazes, fotografias familiares, jornais;
- as vivências corporais (no aikidô e no baile ao som de uma seleção de músicas de jazz, soul, dance, rock, disco);
- o contato com pessoas de diferentes idades, com habilidades e conhecimentos que puderam ser compartilhados (uma mãe que nos ensinou a fazer arranjos de ikebana, uma avó que nos auxiliou na confecção da culinária japonesa, um professor de aikidô que nos mostrou um pouco dessa arte marcial praticada pelos samurais);
- a confecção de carpas para a entrada da sala, a arrumação da sala como um ambiente japonês, os origamis e a apresentação para as outras séries (pré e 2<sup>a</sup>) de uma exposição com todos os materiais levados pelas crianças e utilizados na pesquisa: vestimentas (quimonos, tamancos,

---

<sup>4</sup> As crianças não assistiram ao filme todo, apenas alguns dos “sonhos” como o do pessegueiro em flor, a dança das raposas e a cidade do moinho. Essa oportunidade proporcionou a eles um contato com uma linguagem e ritmo de cinema diferenciados dos habituais, ao mesmo tempo que enriqueceu pela poesia das imagens e dos conteúdos das pequenas histórias narradas.



meias, prendedores para os cabelos), utensílios de cozinha (palitos de diversos tamanhos, cumbucas, temperos prontos), dicionários, aquarelas, etc.

Faltam ainda alguns países a serem conhecidos, de forma a totalizar o conhecimento de um ponto em cada continente.

Para mudar um pouco os rumos que temos tomado, iniciamos uma viagem de curta duração para o espaço sideral, e que ainda está se desenrolando. O objetivo desta é ampliar o conhecimento que essas crianças têm do que faz parte do universo (em geral, restrito aos planetas e estrelas) e tentar responder alguns questionamentos delas surgidos durante as conversas em roda: *“pra onde vão as estrelas de manhã?”*, *“por que ontem a noite não havia estrelas no céu?”*, *“porque estava escuro demais”*, *“porque estava claro demais”*, *“porque as nuvens cobriam”*, *“porque as estrelas se puseram junto com o sol”*, *“porque elas descem para a terra”*, *“são as estrelas do mar?”*, *“elas não brilham dentro d’água porque não tem luz lá para iluminá-las”*, *“mesmo se levar lanterna não dá porque a luz não é suficiente”*, *“elas perdem o brilho quando caem na água e ele fica na superfície”*, *“de manhã a estrela está no céu porque as nuvens desapareceram”*.

A próxima viagem agendada é para o fundo das águas (salgada e doce), o que nos permitirá conhecer o início da vida na Terra e diferentes características dos animais que habitam esses ambientes, conhecendo, por exemplo, os peixes abissais, que vivem na parte escura dos oceanos<sup>5</sup>. Estamos aguardando, também, outra viagem mais desafiadora como uma para dentro de nosso corpo, já que o assunto relacionado às manifestações sonoras, visuais e gestuais também originou-se em roda de conversa: *“por que o cocô é marrom?”*, *“por que e como se solta o pum?”*, *“por que a gente boceja?”*, *“como sai o sangue?”*, *“por que a gente vomita?”*.

A visita a esses novos lugares nos permitirá ampliar as formas de saber, indo do social, histórico, cultural, para o científico, mantendo sempre o espírito da aventura, da descoberta e da pesquisa.

Entre uma viagem e outra, nos envolvemos em outras atividades já que os assuntos aparecem aos bocados e nem sempre podem ser, totalmente, contemplados no projeto principal de trabalho. Como jogamos muito, as habilidades matemáticas, relacionadas ao desenvolvimento do raciocínio lógico, analítico e geométrico, bem como as tentativas de registro dessa linguagem, têm sido contempladas nessa atividade de jogo. Além dos mais

---

<sup>5</sup> Nesse caso, ao invés de trocarmos cartões postais como fazemos habitualmente, trocaremos mensagens dentro de garrafas, sem um destinatário específico. Essas garrafas ficarão dentro de um tanque com água e cada criança escolherá uma garrafa para descobrir o conteúdo do texto guardado dentro dela.

procurados pela maioria das crianças (dama, ludo, forca) incluímos outros como: cara a cara, senha, bingo, nunca x, estimativas de quantidade, formação de grupos com diferentes categorias (usando objetos que eles levam: carrinhos de diferentes tipos, bonecos, conchas, pedras, através de nossos registros coletivos: chamada de presença, anotações diárias do tempo no calendário, e conosco mesmo, observando nossas características pessoais, o que permite a construção de gráficos), tangran e poliminós (que lidam com a composição e decomposição de figuras geométricas).

Em todos os jogos, o desafio é sempre tentar, posteriormente, organizar as informações e arriscar interpretações, quaisquer sejam as formas de registro (por escrito, com uso de gráfico de linhas e colunas, por desenho).

Nessa opção de trabalho, o conhecer e o aprender implicam em mudança de referencial, pois vão além da informação, tornam-se saberes: ter e fazer relações, conviver com a alteridade, passar pela experiência, distinguir, reconhecer, sentir, apreciar, julgar, avaliar, guardar, evocar, organizar, sistematizar, registrar (sob diferentes formas).

Tudo isso que foi apresentado é sempre mais do que aparenta pois serviu-nos (e serve-nos) de pretexto para inventar e imaginar desafios para o nosso próprio conhecimento. “Embarcar” nas idéias e nas propostas é aceitar o convite e deixar-se seduzir por ele; é “entrar a bordo” e curtir as viagens pois, embora a troca de experiências seja importante e necessária, ou seja, ouvir e aprender com o que aconteceu com o outro, as vivências pessoais são essenciais, ou seja, aprender por si próprio, ladrilhando o seu caminho.

No final do conto da Marina Colasanti, o mesmo Kublai-Khan que se encantava ouvindo as palavras do vento viajante, no alto da sua fortaleza, opta por uma outra e nova forma de aprendizagem: *“dizem os pastores da planície que o viram prender cordas de linho nas pontas da grande pipa de seda. Depois ergueu a pipa contra o vento e, abandonando com os pés o alto da muralha da sua fortaleza, deixou-se levar pela corda branca, último rei Mogul, longe no céu, lá onde ele se tinge de mar”* (p. 14).

## Referências

- Calvino, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- Colasanti, Marina. “O último rei”, in *Uma idéia toda azul*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.
- Meléndez, Francis. *A viagem de Colonus*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Elias, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

---

**Renata Sieiro Fernandes** é pedagoga, doutoranda em educação na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Entre sua produção bibliográfica mais importante destacam-se os seguintes trabalhos: co-organizadora do livro *Educação Não-Formal: Cenários da criação*. Campinas/SP: Editora da Unicamp e CMU, 2001; e autora do livro *Entre nós, o Sol: relações entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não-formal*. Campinas/SP: Mercado de Letras e Fapesp, 2001.  
**E-mail:** rsieirof@hotmail.com

---

Texto recebido em agosto/2001